

CÂNCER DE PELE NÃO MELANOMA EM TRABALHADORES AO AR LIVRE: UM PROBLEMA IGNORADO NA SAÚDE OCUPACIONAL

RESUMO

O câncer de pele não melanoma (CPNM,) representa a neoplasia maligna mais comum no Brasil e no mundo, afetando principalmente trabalhadores expostos continuamente à radiação ultravioleta durante atividades laborais ao ar livre. Este estudo teve como objetivo analisar os fatores de risco ocupacionais associados ao câncer de pele não melanoma em trabalhadores ao ar livre, com foco nas medidas preventivas voltadas à promoção da saúde do trabalhador. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, realizada por meio de revisão bibliográfica em bases como SciELO, LILACS e Google Acadêmico, considerando estudos publicados entre 2015 e 2024. Os resultados demonstraram elevada incidência da doença entre agricultores, pescadores, garis e trabalhadores da construção civil, evidenciando a ausência de medidas preventivas eficazes, fragilidade das políticas públicas e insuficiência do uso de Equipamentos de Proteção Individual. Conclui-se que o fortalecimento das ações de educação em saúde, fiscalização trabalhista e reconhecimento do CPNM como doença ocupacional são fundamentais para promoção da saúde e segurança dos trabalhadores expostos ao sol.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde do trabalhador; Exposição solar ocupacional; Radiação ultravioleta; Prevenção; Neoplasias cutâneas.

1 INTRODUÇÃO

O câncer de pele não melanoma (CPNM) é considerado a neoplasia maligna de maior incidência no Brasil e no mundo, sendo responsável por elevados índices de adoecimento, especialmente entre indivíduos expostos continuamente à radiação ultravioleta. Segundo Ribeiro *et al.* (2021), os principais subtipos da doença são o carcinoma basocelular e o carcinoma espinocelular, ambos associados à exposição solar prolongada.

No contexto epidemiológico, trabalhadores que exercem atividades ao ar livre, como agricultores, pescadores, garis, jardineiros e trabalhadores da construção civil, constituem um grupo de elevada vulnerabilidade devido às longas jornadas sob exposição direta ao sol. De acordo com Fernandes *et al.* (2022), a radiação ultravioleta apresenta efeito cumulativo, aumentando progressivamente o risco para o desenvolvimento de lesões cutâneas malignas.

Apesar da alta incidência da doença e dos impactos causados à saúde do trabalhador, o câncer de pele não melanoma ainda apresenta pouca visibilidade no contexto da saúde ocupacional. Além disso, observa-se uma carência de ações educativas, fiscalização adequada e medidas efetivas de proteção, fatores que contribuem para a permanência de condições laborais inseguras e para a subnotificação dos casos relacionados ao trabalho. Diante desse cenário, surge o seguinte questionamento: quais são os principais fatores de risco ocupacionais

associados ao câncer de pele não melanoma em trabalhadores expostos continuamente à radiação solar?

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo analisar os fatores de risco ocupacionais associados ao câncer de pele não melanoma em trabalhadores ao ar livre, com foco nas medidas preventivas voltadas à promoção da saúde do trabalhador.

O presente trabalho justifica-se pelo crescimento expressivo dos casos de câncer de pele não melanoma entre trabalhadores expostos continuamente à radiação solar em suas atividades laborais. Além disso, torna-se relevante por contribuir para a ampliação das discussões acerca da saúde ocupacional, prevenção de agravos relacionados ao trabalho e fortalecimento de estratégias educativas e preventivas voltadas à proteção desses trabalhadores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O câncer de pele não melanoma (CPNM) é atualmente uma das neoplasias mais diagnosticadas no Brasil, com registros expressivos, sobretudo entre indivíduos que desempenham suas atividades laborais ao ar livre. Este tipo de câncer, embora apresente baixa letalidade, representa um importante problema de saúde pública devido à sua alta incidência e aos impactos que provoca tanto no âmbito individual quanto coletivo (Ribeiro *et al.*, 2021).

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (2022), o câncer de pele não melanoma é o tipo mais frequente no Brasil, correspondendo a cerca de 30% dos tumores malignos registrados no país. Apesar de apresentar baixos índices de mortalidade e altas chances de cura quando diagnosticado precocemente, a ausência de tratamento adequado pode ocasionar importantes mutilações aos pacientes.

Os trabalhadores expostos constantemente ao sol, como agricultores, pescadores, trabalhadores da construção civil e vigilantes, compõem o grupo mais vulnerável ao desenvolvimento da doença (Ribeiro; Souza, 2021).

Estudos demonstram que esses trabalhadores estão sujeitos diariamente a longas jornadas sob o sol, o que favorece o dano celular e, consequentemente, o aparecimento de lesões cutâneas (Fernandes *et al.*, 2022). Apesar da vasta comprovação científica sobre essa associação, a radiação solar ainda é frequentemente negligenciada nos programas de saúde ocupacional, o que contribui para a perpetuação do problema (Sanches *et al.*, 2023). Essa realidade é reforçada por Fernandes e Lima (2022), que destacam a ausência de práticas preventivas eficazes nos ambientes laborais, como uso de vestimentas adequadas, aplicação de filtro solar e pausas em áreas com sombra.

A estimativa para o ano de 2023 apontava que, entre os homens, o câncer de pele não melanoma apresentava maior incidência nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, com riscos estimados de 135,86 casos por 100 mil habitantes, 121,40 por 100 mil e 77,45 por 100 mil homens, respectivamente. As Regiões Nordeste e Norte, ocupa a segunda posição, com o risco estimado de 68,97 por 100 mil e 17,69 por 100 mil homens, respectivamente. Quanto às mulheres, o câncer de pele não melanoma é mais incidente em todas as Regiões brasileiras, com risco estimado de 164,79 por 100 mil mulheres no Sul; 123,33 por 100 mil no Sudeste; 107,52 por 100 mil no Centro-oeste; 77,84 por 100 mil no Nordeste; e 26,90 por 100 mil no Norte. (INCA, 2022).

Além dos riscos físicos, a ausência de políticas públicas eficazes agrava ainda mais o cenário. Embora existam normativas que abordam a prevenção de riscos ambientais e o trabalho a céu aberto, como as Normas Regulamentadoras NR 9 e NR 21, muitas vezes essas diretrizes são aplicadas de forma ineficaz. A lacuna entre o conhecimento técnico-científico e a prática das ações de saúde e segurança no trabalho revela um panorama preocupante, dificultando o acesso dos trabalhadores às condições mínimas de proteção e segurança (Almeida; Pereira, 2024).

A prevenção do câncer de pele nesse contexto exige mais do que recomendações genéricas; é necessário que sejam implementadas ações intersetoriais, campanhas de educação em saúde e o fortalecimento das políticas de proteção ao trabalhador (Fernandes *et al.*, 2022). A efetivação de medidas como a distribuição gratuita de protetor solar, a fiscalização das condições de trabalho e treinamentos sobre os riscos da exposição solar seriam passos fundamentais para garantir não apenas a saúde física, mas também os direitos desses profissionais, que frequentemente são esquecidos nas discussões sobre saúde ocupacional (Sanches *et al.*, 2023).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Classificação da pesquisa

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica.

Esse tipo de pesquisa possibilita a análise e discussão de produções científicas já publicadas acerca da temática investigada, contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre o câncer de pele não melanoma relacionado à exposição solar ocupacional. Nesse sentido,

a revisão bibliográfica permite reunir diferentes perspectivas presentes na literatura científica, favorecendo uma compreensão mais ampla sobre o objeto de estudo.

Ao considerar tais particularidades, ampliam-se as possibilidades de apreensão de visões convergentes e divergentes acerca da temática investigada, favorecendo a formulação de inferências capazes de refutar ou confirmar os pressupostos que orientam a pesquisa. Logo, fundamenta-se na necessidade de compreender a realidade dos trabalhadores ao ar livre expostos à radiação solar e sua relação com o desenvolvimento do câncer de pele não melanoma (CPNM), por meio da análise de publicações científicas já existentes sobre o tema.

3.2 Instrumento de coleta de dados, universo e amostra

A coleta de dados foi realizada por meio de buscas bibliográficas na plataforma Google Acadêmico. Para a realização da pesquisa, foram utilizados os descritores: “câncer de pele”, “câncer de pele não melanoma”, “trabalhadores ao ar livre”, “exposição solar ocupacional”, “radiação ultravioleta”, “saúde do trabalhador” e “prevenção do câncer de pele”.

Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos científicos publicados entre 2015 e 2024, disponíveis na íntegra e que apresentassem relação direta com a temática proposta. Foram excluídos artigos duplicados, e publicações que não contemplavam os objetivos da pesquisa.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 13 artigos científicos que apresentavam relação direta com os objetivos da pesquisa, os quais foram utilizados para fundamentar a construção do presente estudo.

3.3 Análise de dados

A análise dos dados ocorreu de forma qualitativa e descritiva, a partir da leitura crítica dos artigos selecionados. Após a seleção do material, foram identificadas e organizadas as principais informações relacionadas aos fatores de risco ocupacionais associados ao câncer de pele não melanoma em trabalhadores expostos à radiação solar, bem como aspectos relacionados à prevenção e à promoção da saúde do trabalhador.

A partir disso, realizou-se a discussão dos achados presentes na literatura, possibilitando reflexões acerca dos fatores de risco ocupacionais e da importância das medidas preventivas relacionadas ao câncer de pele não melanoma em trabalhadores expostos à radiação solar.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das produções científicas selecionadas revelou um panorama preocupante em relação à exposição ocupacional de trabalhadores ao ar livre à radiação ultravioleta (UV) e sua associação direta com o desenvolvimento do câncer de pele não melanoma (CPNM) (Ceballos *et al.*, 2014). Os estudos convergem quanto à elevada incidência da doença nesse grupo populacional, apontando a exposição solar crônica como fator etiológico predominante. Atividades laborais como agricultura, construção civil, pesca, jardinagem e limpeza urbana concentram os maiores índices de exposição solar sem proteção adequada, o que eleva significativamente o risco de alterações cutâneas malignas.

Além dos fatores biológicos relacionados à exposição solar, os estudos analisados evidenciaram importantes questões sociais associadas ao adoecimento desses trabalhadores. Observa-se que grande parte das profissões com maior exposição à radiação ultravioleta é composta por trabalhadores submetidos a jornadas extensas, condições laborais vulneráveis e limitado acesso aos serviços de saúde. Essa realidade contribui para o diagnóstico tardio e dificulta a adoção de práticas preventivas adequadas.

Quadro 1 – Síntese dos principais achados incluídos no estudo

Nº	Autores (ano)	Principais achados
1	Almeida, F. S.; Pereira, M. A. (2024).	O estudo identificou os principais fatores de risco ocupacionais relacionados ao câncer de pele em trabalhadores expostos à radiação solar. Os autores destacam que a exposição prolongada à radiação ultravioleta, associada à ausência de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), aumenta significativamente a probabilidade de desenvolvimento do câncer de pele não melanoma. A revisão evidencia ainda fragilidades nas ações preventivas e necessidade de fortalecimento das políticas públicas voltadas à saúde do trabalhador.
2	Almeida, J. P.; Pereira, R. M. (2024).	A pesquisa analisou a relevância das políticas públicas na prevenção do câncer de pele não melanoma em trabalhadores expostos ao sol. Os resultados demonstraram que campanhas educativas, fiscalização das condições laborais e incentivo ao uso de proteção solar são estratégias fundamentais para redução da incidência da doença em ambientes ocupacionais externos.
3	Fernandes, P. B. <i>et al.</i> (2022).	O artigo revisou evidências científicas acerca da associação entre exposição ocupacional à radiação ultravioleta e risco de câncer de pele. Os autores observaram relação significativa entre exposição solar contínua e desenvolvimento de lesões cutâneas malignas, enfatizando a importância do diagnóstico precoce, educação em saúde e implementação de medidas preventivas.

4	Fernandes, T. C.; Lima, A. S. (2022).	O estudo apresentou revisão bibliográfica sobre fatores de risco ocupacionais para câncer de pele não melanoma em trabalhadores ao ar livre. Os achados evidenciaram maior vulnerabilidade entre trabalhadores rurais, pescadores e profissionais da construção civil devido às longas jornadas sob exposição solar intensa e insuficiência de práticas preventivas nos ambientes de trabalho.
5	Instituto Nacional de Câncer – INCA (2025).	O material apresenta informações epidemiológicas e clínicas sobre o câncer de pele não melanoma, destacando a radiação ultravioleta como principal fator de risco associado à doença. O estudo reforça a importância da fotoproteção diária, do diagnóstico precoce e da adoção de medidas preventivas em populações expostas ocupacionalmente ao sol.
6	Instituto Nacional de Câncer – INCA (2022).	A publicação apresentou estimativas da incidência de câncer no Brasil, evidenciando o câncer de pele não melanoma como o tipo mais frequente no país. Os dados reforçam a necessidade de políticas públicas preventivas direcionadas aos trabalhadores expostos continuamente à radiação solar.
7	Moreira, A. P. A.; Sabóia, V. M.; Ribeiro, C. R. B. (2015).	A revisão integrativa abordou a relação entre câncer de pele não melanoma e exposição ocupacional em trabalhadores ao ar livre. Os autores concluíram que o desconhecimento acerca das medidas preventivas e a baixa adesão ao uso de proteção solar contribuem para o aumento da vulnerabilidade desses trabalhadores.
8	Ribeiro, A. L. <i>et al.</i> (2021).	O estudo discutiu tendências epidemiológicas do câncer de pele no Brasil, evidenciando crescimento progressivo da doença nas últimas décadas. Os autores destacam a necessidade de fortalecimento das ações de prevenção, educação em saúde e ampliação do acesso ao diagnóstico precoce.
9	Ribeiro, M. L.; Souza, F. L. (2021).	A pesquisa analisou aspectos epidemiológicos do câncer de pele não melanoma no Brasil, demonstrando maior prevalência entre indivíduos submetidos à exposição solar contínua. O estudo ressalta a importância do acompanhamento epidemiológico como instrumento para formulação de estratégias preventivas.
10	Sanches, J. M. <i>et al.</i> (2023).	O artigo discutiu os impactos da exposição solar na saúde ocupacional, destacando que a radiação ultravioleta ainda é frequentemente negligenciada nos ambientes laborais. Os autores ressaltam a necessidade de conscientização dos trabalhadores e fortalecimento das estratégias preventivas relacionadas à saúde ocupacional.
11	Dalla Valle, P. R.; Ferreira, J. L. (2025).	O estudo apresentou contribuições da análise de conteúdo de Bardin para pesquisas qualitativas. Os autores destacam que a metodologia favorece organização sistemática dos dados, interpretação crítica dos achados e maior rigor científico na análise qualitativa.
12	Farias, M. B. <i>et al.</i> (2021).	A revisão sistemática analisou os riscos de câncer de pele associados à exposição solar ocupacional. Os resultados demonstraram forte associação entre atividades laborais ao ar livre e aumento da incidência da doença, reforçando a

		necessidade de estratégias preventivas permanentes no ambiente de trabalho.
13	Schmitt, J. V.; Miot, H. A. (2011).	O estudo investigou fatores de risco para câncer de pele em trabalhadores rurais do sul do Brasil. Os autores identificaram elevada exposição solar diária, baixo uso de protetor solar e pouca adesão às medidas preventivas, aumentando significativamente o risco de desenvolvimento da doença.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A análise dos estudos apresentados no Quadro 1 evidencia que a exposição ocupacional à radiação ultravioleta permanece como importante problema de saúde pública e ocupacional. Os achados demonstram que trabalhadores ao ar livre estão continuamente expostos a fatores de risco relacionados ao desenvolvimento do câncer de pele não melanoma, especialmente em contextos marcados pela ausência de medidas preventivas eficazes e fragilidade das ações de promoção da saúde.

Os achados deste estudo reforçam a importância de reconhecer o CPNM como uma condição de saúde diretamente relacionada à atividade laboral ao ar livre. Embora a exposição à radiação UV seja um fator de risco amplamente documentado, ela ainda é subestimada na prática da saúde ocupacional. Corroborando essa discussão, Farias *et al.* (2021) afirmam que o aumento da incidência do câncer de pele encontra-se diretamente relacionado à exposição solar no ambiente ocupacional, configurando-se como fator predisponente para o desenvolvimento da doença entre trabalhadores que exercem suas atividades em ambientes externos e permanecem continuamente expostos à radiação ultravioleta. Tal negligência evidencia uma lacuna significativa entre o conhecimento científico e a efetividade das políticas públicas voltadas à prevenção do CPNM no ambiente de trabalho.

Nesse contexto, percebe-se que a invisibilidade da exposição solar como risco ocupacional dificulta a implementação de estratégias preventivas efetivas. Embora existam evidências científicas consistentes sobre os impactos da radiação ultravioleta na saúde do trabalhador, muitos ambientes laborais ainda negligenciam ações básicas de proteção e educação em saúde.

Observou-se que a ausência de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) eficazes, como chapéus de aba larga, roupas com proteção UV e protetores solares, aliada à falta de informação e conscientização, é um fator comum em praticamente todas as publicações analisadas. Schmitt e Miot (2011) destacam que muitos trabalhadores expostos ao sol não utilizam medidas adequadas de fotoproteção, aumentando a vulnerabilidade ao câncer de pele.

Outro aspecto relevante identificado nos estudos refere-se à insuficiência das ações de educação em saúde voltadas à prevenção do câncer de pele ocupacional. Muitos trabalhadores desconhecem os riscos associados à exposição solar contínua e os sinais iniciais da doença, favorecendo a negligência quanto às medidas de proteção individual. Dessa forma, ações educativas permanentes tornam-se essenciais para fortalecimento do autocuidado e redução dos agravos relacionados ao trabalho.

Outro ponto crítico destacado nos estudos é a subnotificação de casos de CPNM como doença ocupacional, reforçando sua invisibilidade social e institucional (Moreira; Sabóia; Ribeiro, 2015). A ausência de registros formais, a dificuldade de acesso ao diagnóstico precoce e a escassez de profissionais capacitados para associar as lesões cutâneas à atividade laboral agravam o problema. Muitos trabalhadores, sem vínculos formais ou desconhecendo seus direitos, não procuram assistência médica ou jurídica, perpetuando a negligência.

A discussão aponta ainda para a carência de políticas públicas direcionadas e a falta de campanhas educativas efetivas. Essa realidade reflete não apenas uma falha na adoção de medidas preventivas, mas também uma negligência histórica com a saúde do trabalhador em determinadas categorias profissionais. A ausência de uma cultura organizacional voltada à promoção da saúde no ambiente laboral é um obstáculo persistente.

Apesar da existência de normas regulamentadoras relacionadas à proteção da saúde ocupacional, os estudos analisados demonstram fragilidade na fiscalização das condições de trabalho e no fornecimento adequado de equipamentos de proteção individual. Tal cenário evidencia a necessidade de maior comprometimento institucional na promoção de ambientes laborais seguros e saudáveis, especialmente para trabalhadores expostos continuamente à radiação solar.

Nesse sentido, torna-se urgente promover a integração entre os setores da saúde, trabalho e educação. Ações intersetoriais são fundamentais para ampliar o acesso à informação e implementar medidas preventivas eficazes. A vigilância em saúde do trabalhador deve ser fortalecida, com foco na identificação precoce dos riscos e na adoção de estratégias de mitigação compatíveis com cada tipo de atividade. A subnotificação dos casos relacionados ao trabalho também representa importante desafio para saúde pública. Muitos trabalhadores não possuem acesso regular aos serviços de saúde ou desconhecem seus direitos trabalhistas e previdenciários, dificultando o reconhecimento do câncer de pele não melanoma como doença ocupacional. Essa invisibilidade epidemiológica interfere diretamente na formulação de políticas públicas preventivas e assistenciais mais eficazes.

Portanto, discutir o câncer de pele não melanoma em trabalhadores ao ar livre é também refletir sobre desigualdade, invisibilidade social e descaso com a saúde do trabalhador. Os resultados evidenciam a necessidade de intervenções estruturais, tanto em nível de políticas públicas quanto na rotina das empresas, visando à promoção da saúde, prevenção de agravos evitáveis e valorização da integridade física e da vida desses trabalhadores. Cabe aos gestores públicos, empregadores e profissionais de saúde assumir o compromisso com a proteção e promoção da saúde dessa população, garantindo condições dignas e seguras de trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O câncer de pele não melanoma (CPNM) configura-se como um grave problema de saúde pública, especialmente entre trabalhadores expostos continuamente à radiação solar no exercício de suas atividades profissionais. Embora apresente baixa letalidade, seu alto índice de incidência, somado à negligência quanto à sua prevenção e reconhecimento como doença ocupacional, revela um cenário preocupante de invisibilidade e omissão no campo da saúde do trabalhador.

Torna-se indispensável, portanto, o fortalecimento de estratégias intersetoriais que envolvam instituições de saúde, educação e trabalho, com foco na promoção de ambientes laborais seguros e saudáveis. A implementação de medidas como a oferta gratuita de protetor solar, treinamentos periódicos, adequação das jornadas de trabalho e a obrigatoriedade do uso de EPIs, bem como políticas para fiscalização e intervenções eficazes para prevenção devem ser tratadas como prioridade nos programas de saúde ocupacional.

Por fim, faz-se necessário o reconhecimento oficial do CPNM como uma enfermidade relacionada ao trabalho, garantindo segurança e prevenção para os trabalhadores. Destaca-se ainda a importância de uma atenção especial ao sexo masculino, já que os homens estão mais frequentemente inseridos em ocupações ao ar livre e, consequentemente, mais expostos aos fatores de risco. Além disso, observa-se que eles tendem a buscar menos os serviços de saúde, o que pode retardar o diagnóstico e agravar o quadro clínico. Portanto, políticas de saúde voltadas para essa população devem considerar essas especificidades, promovendo ações direcionadas de prevenção, conscientização e acesso aos cuidados necessários.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. S.; PEREIRA, M. A. Fatores de risco ocupacionais para câncer de pele: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 45–52, 2024.

ALMEIDA, J. P.; PEREIRA, R. M. A importância das políticas públicas na prevenção do câncer de pele não melanoma em trabalhadores expostos ao sol. **Saúde Pública e Meio Ambiente**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 101–108, 2024.

FERNANDES, P. B. et al. Occupational exposure to ultraviolet radiation and skin cancer risk: a review of current evidence. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v. 19, n. 17, p. 11032, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph191711032>.

FERNANDES, T. C.; LIMA, A. S. Fatores de risco ocupacionais para o câncer de pele não melanoma em trabalhadores ao ar livre: uma revisão bibliográfica. **Revista de Enfermagem e Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 25–33, 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Câncer de pele não melanoma**. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tipos/pele-nao-melanoma>. Acesso em: 20 maio 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil**. Rio de Janeiro: INCA, 2022. 160 p. ISBN 978-65-88517-09-3 (impresso); 978-65-88517-10-9 (online).

MOREIRA, A. P. A.; SABÓIA, V. M.; RIBEIRO, C. R. B. Câncer de pele não melanoma e risco ocupacional de trabalhadores ao ar livre: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, Recife, v. 9, n. 12, p. 1310–1319, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10839>. Acesso em: 20 maio 2025.

RIBEIRO, A. L. et al. Câncer de pele no Brasil: tendências e desafios. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, Rio de Janeiro, v. 96, n. 4, p. 405–412, 2021.

RIBEIRO, M. L.; SOUZA, F. L. Aspectos epidemiológicos do câncer de pele não melanoma no Brasil. **Jornal Brasileiro de Oncologia**, São Paulo, v. 47, n. 3, p. 98–105, 2021.

SANCHES, J. M. et al. Sun exposure and occupational health: an overlooked issue. **Occupational Medicine**, Oxford, v. 73, n. 5, p. 274–281, 2023.

DALLA VALLE, Paulo Roberto; FERREIRA, Jacques de Lima. Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 41, e49377, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469849377>. Disponível em: Educação em Revista – artigo completo. Acesso em: 14 maio 2026

FARIAS, Matheus Braz et al. Risco de câncer de pele devido à exposição solar ocupacional: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 6, p. 26365–26376, nov./dez. 2021. DOI: 10.34119/bjhrv4n6-218.



SCHMITT, Juliano Vaz; MIOT, Hélio Amante. Prevalência de fatores de risco para câncer de pele em trabalhadores rurais do sul do Brasil. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, Rio de Janeiro, v. 86, n. 4, p. 716-720, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0365-05962011000400011>.